

XXII

O BONUS-HORA

Notando que a senhora Laura entristercera subitamente ao recordar o marido, modifiquei o rumo da palestra, interrogando:

— Que me diz do bonus-hora? Trata-se de algum metal amoeado?

Minha interlocutora perdeu o aspecto cismarento, a que se recolhera, e replicou atenciosa:

— Não é propriamente moeda, mas ficha de serviço individual, funcionando como valor aquisitivo.

— Aquisitivo? — perguntei abruptamente.

— Explico-me — respondeu a bondosa senhora — em "Nosso Lar" a produção de vestuário e alimentação elementares pertence a todos em comum. Ha serviços centrais de distribuição na Governadoria e departamentos do mesmo trabalho nos Ministerios. O celeiro fundamental é propriedade coletiva.

Ante meu gesto silencioso de espanto, acentuou:

— Todos cooperam no engrandecimento do patrimonio comum e dele vivem. Os que trabalham, porém, adquirem direitos justos. Cada habitante de "Nosso Lar" recebe provisões de pão e roupa, no que se refere ao estritamente necessário; mas os que se esforcem na obtenção do bonus-hora conseguem certas prerrogativas na comunidade social. O espirito, que ainda não trabalha, poderá ser abrigado aqui; no entanto, os que cooperem podem ter casa propria. O ocioso vestirá, sem dúvida; mas o operario dedicado vestirá o que melhor lhe

pareça; compreendeu? Os inativos podem permanecer nos campos de repouso, ou nos parques de tratamento, favorecidos pela intercessão de amigos; entretanto, as almas operosas conquistam o bonus-hora e podem gozar a companhia de irmãos queridos, nos lugares consagrados ao entretenimento ou o contacto de orientadores sabios, nas diversas escolas dos Ministerios em geral. Precisamos conhecer o preço de cada nota de melhoria e elevação. Cada um de nós, os que trabalhamos, deve dar, no mínimo, oito horas de serviço util, nas vinte e quatro de que o dia se constitui. Os programas de trabalho, porém, são numerosos e a Governadoria permite quatro horas de esforço extraordinário, aos que desejem colaborar no trabalho comum, de boa vontade. Desse modo, ha muita gente que consegue setenta e dois bonus-hora, por semana, sem falar dos serviços sacrificiais, cuja remuneração é duplicada e, às vezes, triplicada.

— Mas, é esse o unico título de remuneração? — perguntei.

— Sim, é o padrão de pagamento a todos os colaboradores da colonia, não só na administração, como na obediencia.

Lembrando as organizações terrestres, indaguei espantado:

— Todavia, como conciliar semelhante padrão com a natureza do serviço? O administrador ganhará oito bonus-hora na atividade normal do dia, e o operario do transporte receberá a mesma coisa? Não é o trabalho do primeiro mais elevado que o do segundo?

A senhora sorriu á pergunta e explicou:

— Tudo é relativo. Se, na orientação ou na subalternidade, o trabalho é de sacrificio pessoal, a expressão remunerativa é justamente multiplicada. Examinando, porém, mais detidamente a sua pergunta, precisamos, antes de mais nada, esquecer determinados prejuizos da Terra. A natureza do serviço é problema dos mais importantes; contudo, na propria esfera da crosta, é que o assunto apresenta solução mais difficil. A maioria dos homens encarnados está simplesmente ensaiando o espirito de serviço e aprendendo a trabalhar nos diversos

rança no lar; no entanto, minha ficha de serviço autoriza-me a interceder por ela, organizando-lhe aqui trabalho e concurso amigo, assegurando-me, igualmente, o valioso auxílio das organizações de nossa colônia espiritual, durante minha permanência nos círculos carnavais. Nesse cômputo, deixo de referir-me ao lucro maravilhoso que adquiri no capítulo da experiência, nos anos de cooperação no Ministério do Auxílio. Volto à Terra, investida de valores mais altos e demonstrando qualidades mais nobres de preparação ao êxito desejado.

Ia prorromper em exclamações admirativas, referentes ao processo simples de ganhar, aproveitar, cooperar e servir, confrontando aquelas soluções com os princípios imperantes no planeta, mas um vozerio brando aproximou-se da casa. Antes que pudesse emitir qualquer observação, a senhora Laura murmurou satisfeita:

— Nossos queridos estão de volta.

E levantou-se para atender.

XXIII

SABER OUVIR

Intimamente, lamentei a interrupção da palestra. Os esclarecimentos da senhora Laura fortaleciam-me o coração.

Lísias entrou em casa visivelmente satisfeita.

— Oiá! ainda não se recolheu? — perguntou sorridente.

El, enquanto os jovens se despediam, convidava-me solícito:

— Venha ao jardim, pois ainda não viu o luar destes sítios.

A dona da casa entrava em conversação com as filhas, enquanto acompanhando Lísias nos fomos aos canteiros em flor.

O espetáculo apresentava-se-me soberbo! Habituação à reclusão hospitalar, entre grandes árvores, ainda não conhecia o quadro maravilhoso que a noite clara apresentava, ali, nos vastos quarteirões do Ministério do Auxílio. Glicínias de prodigiosa beleza enfeitavam a paisagem. Lírios de neve, matizados de ligeiro azul ao fundo do cálice, pareciam taças vivas, de caridoso aroma. Respirei a longos haustos, sentindo que ondas de energia nova me penetravam o ser. Ao longe, as torres da Governadoria mostravam belos efeitos de luz. Deslumbrado, não conseguia emitir impressões. Esforçando-me para exteriorizar a admiração que me invadia a alma, falei comodamente: